

OBA! VAI COMEÇAR A TURMA DA GALINHA PINTADINHA: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E CIVILIDADE DO SUJEITO INFANTIL

A “Galinha Pitadinha” surgiu no final de 2006, quando um clipe piloto de um projeto de cantigas populares foi postado no YouTube, para ser apresentado em uma reunião. O projeto não foi aprovado, e foi esquecido no canal de vídeos da web. Meses depois, os criadores tiveram uma surpresa, pois o vídeo havia virado um sucesso e já ultrapassava a marca de meio milhão de visualizações.

Frente a esse sucesso, os produtores resolveram pagar do próprio bolso o lançamento do DVD “Galinha Pintadinha e sua Turma”, em 2008, com 13 clipes de cantigas tradicionais do cancioneiro popular nacional. Com o sucesso de vendas, a Europa Filmes abraçou o projeto e relançou o DVD em 2009. Em seguida, veio o segundo produto, lançado em parceria com a Som Livre.

A partir de então seus CDS musicais e toda gama de produtos da marca “Galinha Pintadinha” ganhou grande notoriedade e repercução sobre o público infantil, sendo aplicado e divulgado freqüentemente em creches, nos lares das famílias, sites, canais a cabo, cinemas.

Cabe aqui destacar o caráter produtivo de algumas músicas vinculadas nos seus CDs, ou seja, como as canções podem ser consideradas artefatos culturais que vêm constituindo comportamentos, saberes, técnicas de poder, cuidados, disciplinando corpos e identidades, produzindo uma determinada forma de ser infantil contemporânea.

É através das letras e imagens das músicas que são produzidas representações que fixam posições de sujeito, repletas de significados, relações de poder, gênero, civilidade. Músicas que nos seus efeitos discursivos instituem verdades, representações de sujeito, higiene, homem, mulher, etiqueta, etc., que, portanto, irão formar a realidade simbólica da criança, suas referências e concepções de si e do mundo que a cerca. A imagem, para alcançar sua eficácia, precisa ser interpretada, de um espectador que compartilhe dos códigos simbólicos carregados por ela, seja a partir de uma determinada cultura, linguagem, de um contexto social, assim:

Compreendemos que indica algo que embora nem sempre remeta ao visível, toma alguns traços emprestados do visual e, de qualquer modo, depende da produção de um sujeito, imaginária ou concreta, a

imagem passa por alguém que a produz ou reconhece (JOLY,1996:13).

Assim, os significados são constituídos através de jogos de linguagem que hierarquizam, classificam, ordenam, imperializam os discursos em um processo de produção e reprodução de intenções, valores, práticas que constituem sujeitos e subjetividades. É através da fabricação de seus significados, que esses espaços constituem práticas discursivas, produzindo efeitos na moral, conduta ou corpo do sujeito, como afirma Hall (1997a:34): “As práticas sociais, na medida em que dependam do significado para funcionarem e produzirem efeitos se situam, dentro do discurso, são discursivas.”

Moral entendida aqui, como uma “possibilidade de perceber as formas pelas quais os indivíduos se submetem, ou não, a princípios de condutas que lhes são impostos”, e também, “às formas pelas quais os indivíduos respeitam ou negligenciam um determinado conjunto de valores” (SILVA,2003:25). Identidades que buscam complementação no outro, nas diferenças e que não são únicas, mas sim fragmentadas e “constituem ao longo de discursos práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas” (HALL,2000:108).

Os sujeitos infantis, historicamente são constituídos a partir de investimentos discursivos que o definem, analisam, classificam, linguagem essa que constrói, penetra em seus corpos através de inúmeras estratégias e formas de poder aliados ao propósito do exercício do governo do infantil. Regras e normas acionadas através dos efeitos discursivos e imagéticos das músicas para o controle de atitudes e hábitos da vida do infantil, que deve ser incorporada tanto pelo ser infantil como por aqueles que estão ao seu redor. Os adultos são instigados a colaborar com essas táticas, vigiando, corrigindo, o infantil e suas atitudes ao serem “parceiros” dessa materialidade discursiva, colocando os CDs para serem ouvidos repetidamente, comprando seus brinquedos, bonecos, etc.

Lá lá lá' lá. Lava a mão. Lava a mão. Pra pegar no pão .Lava a mão lava a mão. Antes de qualquer refeição. Lava a mão lava a mão. Usou o banheiro? Mexeu na caca do chão?!(eca). Chegou da rua? Foi ao banheiro? Andou de busão? Brincou no chão? Espuma espuma. E lava a mão.

A imagem das mãos sendo esfregadas uma na outra ganha evidência na tela. As mãos vão percorrendo vários ambientes na seqüência musical, sempre com o gesto de

lavar as mãos. A imagem das mãos ocupa toda a tela e incita o telespectador a imitá-la, uma técnica de disciplinamento do corpo para uma boa higiene.

O discurso da higiene é acionado em tal discursividade pela produtividade do governo, configurado na ação concreta de lavar as mãos, mecanismos de poder que provocam efeitos sobre o corpo e a população infantil, as estratégias de poder não teriam maiores efeitos sem as “relações precisas e tênues que lhe servissem, não de aplicação e consequência, mas de suporte e ponto de fixação” (FOUCAULT, 1988,p.95).

Elias (1994,p.99), trás exemplos de comportamentos e hábitos do século XV da alta sociedade que constam em guias de comportamento à mesa e na corte, que lembram as normas ditadas pelas letras da musica “ Lava Mão”, do CD “Galinha Pintadinha 3” lançado em 2012 no Brasil, “Toma cuidado de limpar e cortar as unhas. Sujeira sob as unhas torna-se perigoso quando a pessoa se coça. Lava as mãos quando te levantas e antes de todas as refeições.” Uma aprendizagem histórica que ganha refinamento nos detalhes e representações atrativas.

*Passou um moço, de terno branco. Chapéu de lado, meu namorado.
Mandei entrar, mandei sentar. Cuspiu no chão,limpa aí seu
porcalhão.Tenha mais educação.*

A música “Pombinha Branca” do CD 2 da “Galinha Pintadinha”, evidencia o processo histórico de mudança do hábito de escarrar, pois antigamente engolir o escarro que era sinal de má higiene e doença, “era permitido escarrar no chão na presença de pessoas de categoria, sendo suficiente que se cobrisse o espumo com o pé” (ELIAS, 1994,p.159). No século XIX ainda podia-se encontrar nas casas as escarradeiras, onde escarrar tornou-se um hábito privado, aliado as regras de sociabilidade que vão se constituindo na sociedade, para evitar sentimentos de vergonha ou repugnância, “(...) nas casas dos grandes, as pessoas escarram nos lenços; Depois de escarrar no lenço, você deve dobrá-lo imediatamente, sem olhar para ele, e colocá-lo no bolso” (ELIAS, 1994,p.157). O moço/pombo da música representa também alguém da sociedade, de terno e chapéu, que, portanto deve adquirir educação e é repreendido pela figura feminina da pombinha. Ela por sua vez, representa as categorias femininas historicamente produzidas, “*pombinha branca, que estas fazendo lavando roupa pro casamento. Vou me lavar, vou me trocar, vou para janela para namorar*”, a todo

instante da musica a pombinha prepara seu corpo com vestimentas, limpezas, acessórios a espera de um casamento. Discursos vinculados, por exemplo, em revistas de moda e beleza para o público feminino, brinquedos e bonecas para as meninas que podem ser maquiadas, trocar de roupa, sempre a espera da figura masculina.

Mas somente cuidar do corpo não basta, é preciso saber lidar com as tarefas domésticas, como a imagem que inicia o vídeo da musica, a de uma máquina de lavar funcionando, eletrodoméstico que veio para facilitar a vida da dona de casa, para lhe dar mais tempo para fazer outras coisas, sem deixar de lado as tarefas do lar.

Desta forma, discursos e imagens propõe regras de conduta, de comportamentos do que é ser menino ou menina, uma boa moça ou um bom moço, aos sujeitos infantis, produzindo ações, prevenções e correções ativando a procedimentos na direção de um determinado tipo de conduta infantil.

As formas de subjetividade não são fixas, elas estão em constante construção, nessas múltiplas possibilidades, o infantil constitui-se como produto de uma junção multissegmentar de saberes e poderes. Tal sujeitos, almejam uma infância feliz, saudável, educada.

Nesta mesma linha identitária de relações de gênero, outras musicas também representam as questões de casamento, modelo masculino, padrões de vestimenta masculinos ou femininos,

Oh Mariazinha, Mariazinha. Entrarás na roda ou ficarás sozinha. Sozinha eu não fico nem ei de ficar. Pois eu tenho o Joãozinho para ser meu par; A galinha pintadinha e o galo carijó. A galinha usa saia e o galo palito; A mulher do sapo, deve estar fazendo, fazendo rendinha oh maninha para o casamento.

Perceber a historicidade dos corpos, as práticas discursivas e as marcas sutis e invisíveis que o inscrevem, pode criar condições para questionarmos os dispositivos e as técnicas constitutivos de nossas subjetividades, e, talvez uma forma de se emergir movimentos de resistência e de outras formas de agir sobre si e os outros, “é também resistir aos seus significados; é não tomá-los como dados, universais, suficientes.(...) é também resistir com esses significados” (SANTOS,2002:114).

Compreender as relações de gênero como pertencentes aos discursos de ordem social, cultural e religiosa, permite, entender não somente a posição das mulheres, em particular, mas também a relação entre sexualidade e poder dos atores envolvidos, sejam

eles masculinos ou femininos; onde gênero torna-se uma categoria histórica, com imagens e representações datadas e contextualizadas. Discursos compreendidos além de um conjunto de signos e significados que se referem a determinadas representações, mas também, a “práticas que formam, sistematicamente, os objetos de que falam” (FOUCAULT, 1995:56).

A arte da disciplina, segundo Foucault (1996), relaciona-se com a distribuição dos sujeitos no espaço, no exercício do poder realizado pelas instituições e que deixa marcas nos corpos em sua maneira de agir, comportar-se, falar e desejar. As disciplinas são técnicas discretas, procedimentos efetivados pelo olhar hierárquico da sanção normalizadora que se combinam produzindo o exame. A vigilância generalizada irá formar uma sociedade marcada pela observação.

O corpo disciplinado foi inventado pela sociedade do espetáculo que o utiliza, produz e reproduz como objeto útil, necessário e obediente, “ao corpo se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 1996:117). A punição efetiva, antes somente sobre o corpo, evidenciando suas entranhas, agora age sobre a alma, a conduta, assim, é a vida que surge como novo objeto de poder da sociedade de controle.

É preciso corrigir, reeducar-se, purificar-se através de técnicas disciplinares para o bem-estar da sociedade, sob o velho mito “conhece-te a ti mesmo”, para saber de suas obrigações e punições. Pois, “para que o autoconhecimento seja possível, então, se requer uma certa exteriorização da própria imagem, um algo exterior, convertido em objeto, no qual a pessoa possa ver a si mesma” (LARROSA, 1995:59).

Entre os significados e as intenções do emissor e a forma de leitura e interpretação do receptor, há uma linha tênue que permite a releitura do discurso e a criação de representações próprias por parte do receptor. Assim, “as significações múltiplas e móveis de um texto dependem das formas por meio das quais é recebido por seus leitores” (CHARTIER, 1991:178), a construção de sentido, seja na leitura e escuta de um texto, discurso ou do olhar sob uma imagem, é o resultado de um processo historicamente determinado; cujos modos e modelos variam de acordo com os tempos, espaços e comunidades.

As imagens produzem e veiculam saberes, elas não são independentes, pois sempre estão ligadas a um determinado regime de poder, organizando experiências, induzindo o espectador a ver algumas coisas e não outras, exercendo uma prática discursiva; produzindo e reproduzindo identidades, culturas e ideologias.

Aprender a olhar é racionalizar e estabilizar tanto o olhar quanto o espaço. É acostumar o olho a deslocar-se ordenadamente, a focalizar de forma conveniente, a capturar os detalhes significativos. É também converter o espaço, uma simples cintilação, em uma série de contornos, de formas reconhecíveis, de fundos e figuras, de continuidades e transformações. Um olhar educado é um olhar que sabe onde e o que deve olhar (LARROSA, 1995:80).

O corpo objeto e alvo de controle das músicas dos CDs “Galinha Pintadinha” aqui analisadas, é o local onde muitas lutas em busca de significados, inscritos em torno do social e do cultural se concentram, desdobram-se e se fazem representados. Ele é produzido como um elemento discursivo de múltiplas instâncias econômicas, sociais e culturais, como da mídia, artes e medicina.

Investe-se sobre esse corpo, analisa-se os seus sintomas, penetrando-se nos seus espaços mais íntimos e inesperados para utilizá-lo como objeto de saber, “um longo aprendizado vai, afinal, colocar cada um no seu lugar” (LOURO, 1997:60). Esses discursos, portanto, através de suas práticas prescrevem modos de ser, investindo um poder regulador que o ajusta em seus menores detalhes, impondo-lhe limitações, autorizações, obrigações presentes das formas mais sutis da vida cotidiana. O investimento político dos corpos produz uma microfísica do poder que é definida como o mergulho do corpo no campo político.

Produzido desse modo, o corpo expressa visões de mundo de grupos que têm o poder de representar e dizer pelo outro, esses grupos exprimem verdades que se legitimam e se tornam hegemônicas, produzindo, assim, sempre novos processos de significação que posicionam, de modos diferenciados, os sujeitos na ordem social. As múltiplas identidades que constituem os corpos não são dadas ou naturais; “as identidades só parecem fixas e sólidas quando vistas de relance” (BAUMAN, 2001:98).

A identidade, enquanto construção simbólica, ganha sentido na interpelação com o outro e seu pertencimento ou não a um determinado grupo e seus aparatos simbólicos e sociais instáveis e fronteiros, pois “toda identidade tem necessidade daquilo que lhe falta, mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado” (HALL,2000:110).

Teríamos, para Foucault, que olhar os procedimentos de sujeição a este poder, analisar seus efeitos, investimentos sobre os corpos e instituições, seus instrumentos de intervenção e aprisionamento, inserção do corpo nessa rede de saberes que falam sobre ele estabelece, sempre, novas relações de poder. O poder, entendido na perspectiva

foucaultiana, tem funcionado como um organizador de sistemas de classificação sejam eles sociais, políticos, econômicos, contribuindo para que cada um ocupe seu diverso lugar e nas representações que estão em jogo.

Cabe aos profissionais da Educação Infantil, aos pais, por exemplo, estarem atentos as representações vinculadas por essas musicas, discutir e analisar seus campos de saber e poder, analisando-as e explorando-as de forma crítica e sob suspeita, produzindo aprendizagens junto aos pequenos.

Sendo a escola um espaço de formação pedagógica e promoção do conhecimento, cabe a ela questionar junto a comunidade escolar quais são os efeitos de poder induzidos por estes discursos abordados nos CDs da coleção “Galinha Pintadinha”, quais as relações entre esses discursos e as práticas educacionais que os investem, formam, que subjetividade infantil é aí produzida? Quais verdades sobre o sujeito infantil são produzidas por esses discursos? Quais as regras, normas deste sistema de poder que constituem e regulam as ações dos infantis bem como seu processo de escolarização?

As representações presentes nas musicas são muitas vezes tidas como naturais em brincadeiras ou atividades pedagógicas nas escolas de educação infantil, deve-se refletir sobre que sujeitos estamos formando e produzindo através dos currículos educacionais.

A infância precisa ser compreendida como uma construção social, histórica e cultural e, portanto, sujeita a mudanças sempre que acontecem transformações nesses campos. Assim, novos significados são a ela atribuídos e novos modos de vivê-la são experienciados.

Precisamos urgentemente investigar as implicações discursivas no contexto educacional, analisar as relações culturais, de gênero, etnia, raça, idade, da linguagem.

Com o constante apelo mercadológico e midiático contemporâneo, também a que se pensar nas crianças diante disto, como elas constroem significados, e são expostas a isso. Para Bauman (2008), vivemos um tempo da descartabilidade de produtos, da volatilidade, enfermidade das relações, do consumo de produtos, sujeitos e identidades, isso produz um modo de ser criança que busca infatigavelmente a fruição e o prazer.

Historicamente a escola tem sido um lugar que silencia e anula as diferenças em nome de normas e práticas que homogeneizam os alunos, produzindo estereótipos e formas de excluir aquele que é considerado como fora do padrão culturalmente e

pedagogicamente esperados. Dessa forma, a escola é tida como único meio formal e legítimo que garante o acesso ao conhecimento, porém, tais conhecimentos são reduzidos a conteúdos fixos, estáticos e previsíveis, um instrumento “civilizador” necessário para transferir os conhecimentos universais e a difusão de padrões de comportamentos ditados pelas elites brancas européias.

Diante do atual momento em que vivemos num momento de repensar valores, saberes, sentimentos, vivenciamos novos cenários culturais, políticos, educacionais de incertezas e de conflitos identitários, onde em que a todo o momento consome-se comportamentos, estéticas, corpos, produtos, que irão ser imediatamente substituídos por outros. Segundo Silva (2001,p.7),

(...)vivemos paradoxalmente um tempo onde novas identidades emergem, se afirmam, apagando fronteiras, transgredindo tabus identitários, um tempo de deliciosos cruzamentos de fronteiras, de um fascinante processo de hibridização de identidades.

A escola, por sua vez, acaba incorporando esses conflitos e rupturas, e por isso deverá estar preparada e atenta para receber e trabalhar com a diferença, as angústias e anseios contemporâneos.

A escola hoje, deve pensar em viabilizar a possibilidade de trabalho com as subjetividades emergentes, reconhecendo a instabilidade do conhecimento, a provisoriade das identidades e a integração entre os saberes. É preciso que a escola ponha em questão suas estratégias e currículos até então adotados como únicos ou eficazes, abrindo caminhos para uma dimensão afetiva, social e ética da prática pedagógica.

Entendemos que a escola deve ser um espaço aberto, em permanente construção e de reformulação de propostas e estratégias que garantam a aprendizagem de todos em diferentes tempos, níveis, lugares. Por ser um ambiente que acolhe diferentes grupos, desejos, culturas, saberes, sujeitos, a escola deve respeitá-los e produzir diferentes formas de conhecimento sobre cada um deles, sem criar rótulos ou hierarquias, tendo a consciência, de que cada identidade foi construída dentro de relações de poder que

envolvem disputas, conflitos, mas inacabadas, portanto passíveis de questionamento e mudança.

É preciso questionar a escola atual perversa em seus tempos, espaços e currículos, com normas e regras que buscam produzir um certo tipo de sujeito manejável e controlado, excluindo muitos, onde a indisciplina é tida como algo fora do “normal” e não como uma brecha para se compreender desordens ou outras possibilidades de conhecimento e de prática pedagógicas,

(...)precisamos perceber e compreender o mundo e a vida de outra maneira. Precisamos aprender e ensinar essa percepção e compreensão sob novas disposições ético-estéticos-afetivas, abertos a novas possibilidades capazes de surpreender o dinamismo da vida, captar-lhe a inteligência e deixar ver os acontecimentos, as mutações, as inovações, tudo o que se deixa ver, para além de todos os *a priori* legitimadores, indicativos e normativos do ser do mundo e do dever ser do estar sócio-cultural (DORNELES,2006:16).

Não pretende-se aqui, validar um tipo de verdade sobre as músicas aqui analisadas, mas demonstrar como é possível realizar um trabalho de reflexão sobre o que é vivenciado no cotidiano pedagógico da Educação Infantil, evidenciando o caráter histórico produtivo dos comportamentos e normas de civilidade.

Romper e ousar com novas abordagens pedagógicas significa redesenhar o mapa estratégico de poder, tanto no campo político como educacional, possibilitando que novos espaços de circulação de saber possam emergir se tornando mais visíveis e passíveis de transformação.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. RJ:JORGE Zahar,2001.

_____. **Vida para o consumo**. A transformação das pessoas em mercadorias. RJ: Jorge Zahar, 2008.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: **Estudos Avançados**.USP,5(11),jan./abr. 1991.

DORNELES, Malvina A. Sobre do que aqui se fala: a condição humana do humano. In: SOUZA, Ana M.; Vieira, Alexandre; Lima, Patrícia (orgs.). **Ética e gestão do cuidado: a infância em contextos de violências**. Florianópolis: CED/UFSC/Núcleo Vida de Cuidado, 2006 p.07-26.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Vol. 01. RJ: Jorge Zahar,1994.

_____. **O processo civilizador**. Vol 02. RJ: Jorge Zahar,1993.

FOUCAULT, Michel.**História da sexualidade I- A vontade de saber**. Rio de Janeiro:Graal, 1988.

_____. O sujeito e o poder. In.DREYFUS, Hubert & RABINOW, Paul (orgs.). **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica.RJ:Forense,1995.

_____. **Vigiar e punir: história e violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as relações culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**.POA, Vol22, n.2, p.15-46. Jul/Dez, 1997.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. RJ: Vozes,2000.p.103-131.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas. SP:Papirus,1996.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e da educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis:Vozes.1995. p.35-86.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis:Vozes, 1997.

SANTOS, Luis Henrique S. **Biopolítica de HIV/AIDS no Brasil**: uma análise dos anúncios televisivos das Campanhas oficiais de prevenção (1986-2000). (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre,2002.

SILVA, Cristiani Beretta. **As fissuras na construção do “novo homem” e da “nova mulher”**- Relações de gênero e subjetividades no devir MST.1979-2000. Tese (Doutorado em História). PPGH/UFSC, Florianópolis,2003.

SILVA, Tomaz Tadeu. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.